

População residente em Portugal ultrapassou 10,6 milhões

DANIEL ROCHA

Natália Faria

Imigrantes são o rosto do ganho populacional. Efeito é duradouro ou estamos perante um mero hiato no envelhecimento em curso?

Nos últimos cinco anos, a população portuguesa não parou de aumentar. Em 2023, chegou aos 10,6 milhões de residentes, segundo as estimativas da população residente divulgadas ontem pelo Instituto Nacional de Estatística (INE).

As 10.639.726 pessoas que, em 31 de Dezembro do ano passado, residiam no território nacional representavam um acréscimo de 123.105 residentes. Sem surpresas, este acréscimo populacional deveu-se à imigração, porquanto no ano passado o país registou um saldo migratório positivo de 155.701 pessoas (acima das 136.144 de 2022). Aliás, como vinca o INE, “o aumento da população registado nos últimos dois anos resultou de saldos migratórios que quase duplicaram”.

“As projecções de há alguns anos já nos diziam que precisaríamos de um mínimo de 120 mil pessoas por ano a entrar para que a população continuasse a crescer, atendendo a que continuamos a ter muita emigração”, constata a propósito Pedro Góis, sociólogo e investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

De resto, e com excepção de 2020 e muito por causa das restrições decorrentes da covid-19, Portugal já vai no sétimo ano consecutivo com um saldo migratório positivo.

Numa altura em que o Governo decidiu decretar o fim da manifestação de interesse (o regime que permitia aos trabalhadores imigrantes regularizarem-se desde que estivessem a descontar para a Segurança Social há pelo menos um ano), Pedro Góis diz ser cedo para avaliar a que ponto as restrições à entrada de novos imigrantes ameaçam este crescimento populacional. “Desde logo, seria preciso perceber que recursos serão alocados aos consulados para que estes consigam dar resposta aos pedidos de entrada, mas diria que os imigrantes continuarão a entrar no país, enquanto a economia necessitar de trabalhadores”, arrisca o investigador, sem deixar de lembrar que “há sempre o risco de a economia expulsar os imigrantes”.

“Como vimos no passado recente, basta uma crise económica para levar os imigrantes a abandonar o país. Portanto, é cedo para percebermos



Portugal tem 38,2 idosos por cada 100 pessoas activas

se o impacto dos imigrantes na nossa estrutura populacional terá um efeito duradouro, ou se este acréscimo não é mais do que um curto hiato no nosso processo de envelhecimento”, declarou. Admitiu, ainda assim, que “os imigrantes que já estão no país continuem a contribuir para o aumento da população, seja por via do agrupamento familiar ou porque começam a ter filhos cá”.

No caso do ano passado, os 167.098 imigrantes que entraram – e que representaram um aumento de 72,1% relativamente ao ano anterior – foram contrabalançados pelos bastante menos 30.954 portugueses que decidiram emigrar por um período superior a um ano.

Primeiro filho aos 30,2 anos

Uma boa notícia é que o número médio de filhos por mulher em idade fértil aumentou para 1,44 filhos. No ano anterior, fora de 1,42. Este valor permanece, ainda assim, muito abaixo das 2,1 crianças por mulher que é considerado o nível mínimo capaz de garantir a substituição de gerações e que Portugal deixou de conseguir atingir em 1982.

Contas feitas, os 85.699 bebés que nasceram em 2023 traduzem uma subida de 2,4% relativamente aos 83.671 bebés nascidos em 2022. Por causa desta subida, registou-se um também ligeiro desagramento do saldo natural – que aquilata a diferença entre nados-vivos e mortos: em 2023, este saldo teve um valor negativo de -32.596 pessoas. Em 2022, fora de -40.640.

No ano passado, a idade média das mulheres ao nascimento de um filho e do primeiro filho continuou a descer ligeiramente, tendo-se fixado nos 31,6 anos e 30,2 anos, respectivamente.

Por tudo isto, o envelhecimento demográfico continuou a acentuar-se

e de tal forma que, em 2023, havia 188,1 idosos com 65 e mais anos de idade por cada 100 crianças e jovens até aos 14 anos – em 2022 o índice de envelhecimento estava nos 184,4.

Igualmente notório é o agravamento do índice de dependência total (número de jovens e de idosos por cada 100 pessoas dos 15 aos 64 anos), o que acentua a pressão demográfica sobre a população activa. Em 2012, por cada 100 pessoas em idade activa havia 52,3 jovens e idosos, número que em 2023 aumentou para os 58,5. Mas, se considerarmos apenas o índice de dependência dos idosos, a pressão torna-se mais evidente: dos 29,7 idosos por cada 100 pessoas em idade activa de 2012 o país passou para os 38,2 idosos por 100 pessoas activas no ano passado.

De resto, desde 2012 que o índice de renovação da população em idade activa (número de pessoas dos 20 aos 29 anos por cada 100 pessoas dos 55 aos 64 anos) atinge valores inferiores aos 100, o que equivale a dizer que o número de pessoas em idade potencial de saída do mercado de trabalho não é compensado pelo número de pessoas em idade potencial de entrada no mercado de trabalho. Em 2023, este índice foi de 76,5.

Do mesmo modo, a idade mediana, ou seja, a idade que divide a população em dois grupos de igual dimensão, passou de 46,9 anos em 2022 para os 47,1 anos. Na década que separa 2012 e 2024, a idade mediana dos homens aumentou 4,3 anos. Já as mulheres viram esse valor subir em 4,4 anos.

Entre 2022 e 2023, a proporção de jovens (dos 0 aos 14 anos) baixou de 14,9% para 12,8% da população total, ao mesmo tempo que a proporção com 65 ou mais anos subiu de 19,5 para 24,1%. Dito de outro modo, os idosos já representam um quarto da população.